

IMBURANA-DE-CAMBÃO {*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B.Gillett}: UMA ABORDAGEM ETNOBOTÂNICA COM OS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA AGRÍCOLA DE JUNDIAÍ

Luana Thayná Dantas de Souza (1); Daniel Henrique Correia André (2); Iago Queiroz de Carvalho(3); Maria Kely Alves Gomes da Silva (4); Orientador: Dr. Malcon do Prado Costa (5).

1 Graduanda em Engenharia Florestal, Universidade do Rio Grande do Norte, Email: luanathayna2010@gmail.com

2 Graduando em Engenharia Florestal, Universidade do Rio Grande do Norte, Email: danielhcorreia@gmail.com

3 Graduando em Geologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Email: iago08car@gmail.com

4 Graduanda em Engenharia Florestal, Universidade do Rio Grande do Norte, Email: gomes.ka.ef@gmail.com

5 Professor de Engenharia Florestal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Email: malconfloresta@gmail.com

RESUMO: A pesquisa etnobotânica vem tomando vulto nos últimos tempos, devido à crescente consciência da comunidade acadêmica e dos órgãos planejadores de que o saber que sociedades tradicionais possuem a respeito do seu ambiente representa um potencial muito rico para estabelecerem-se alternativas de desenvolvimento sustentável, mostrando que estudos nesta área favorecem que o conhecimento, antes retido a uma população local, seja propagado com a finalidade de esclarecimento geral sobre manutenção adequada e usos de determinada espécie. *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B.Gillett, popularmente conhecida como Imburana ou Umburana, é uma angiosperma decídua, ocorrendo na caatinga e cerrado do Brasil, pertencente à família Burseraceae. Seu uso para a restauração de áreas degradadas colabora para meliponicultura, além de ser empregado amplamente a fins medicinais. O presente trabalho teve por objetivo registrar e analisar os conhecimentos e usos que os funcionários da Escola Agrícola de Jundiaí, que moram nos municípios de Macaíba e entorno (RN), fazem da Imburana-de-cambão. Onde mostrou-se de grande valia para uso doméstico, medicinal, econômico e de grande relevância socio-cultural.

Palavras-chave: Imburana-de-cambão, Escola Agrícola de Jundiaí, Etnobotânica.

1 INTRODUÇÃO

O abundante conhecimento do homem sobre o ambiente que o circunda fundamenta-se na observação da natureza, seus fenômenos e características, e em sua experimentação empírica (PATZLAFF, 2007). Tais informações são a base para o estudo etnobotânico do qual consiste na análise da interação humana com o meio ambiente (MARTIN, 1995).

Segundo Albuquerque (2005), o termo etnobotânica foi formalmente proposto por Harshberger (1986), que a considerou como ferramenta para elucidação da posição cultural das tribos que usam plantas para alimentação, abrigo ou vestuário, de forma que tais investigações poderiam contribuir para esclarecer a distribuição das espécies vegetais no passado. Entretanto, muito antes desse período, dados etnobotânicos já haviam sido utilizados em estudos sobre a origem e distribuição de plantas cultivadas, além também de terem sido empregados para identificação e descrição de milhares de espécies de plantas desconhecidas pelos naturalistas antes das expedições científicas nos tempos das grandes navegações.

A pesquisa etnobotânica vem tomando vulto nos últimos tempos, devido à crescente consciência da comunidade acadêmica e dos órgãos planejadores de que o saber que sociedades tradicionais possuem a respeito do seu ambiente representa um potencial muito rico para

estabelecerem-se alternativas de desenvolvimento sustentável, sobretudo em áreas de alta complexidade ecológica, como é o caso das florestas tropicais (DEWALT, 1994; BEGOSSI, 1996). Mostrando que estudos nesta área favorecem que o conhecimento, antes retido a uma população local, seja propagado com a finalidade de esclarecimento geral sobre manutenção adequada e usos de determinada espécie.

Pesquisas nesta área favorecem que o conhecimento, antes retido a uma população local, seja propagado com a finalidade de esclarecimento geral sobre manutenção adequada e usos de determinada espécie.

Commiphora leptophloeos (Mart.) J.B.Gillett, popularmente conhecida como Imburana ou Umburana, é uma angiosperma decídua, ocorrendo na caatinga e cerrado do Brasil, pertencente a família Burseraceae. Seu uso para a restauração de áreas degradadas colabora para meliponicultura (MAIA-SILVA, 2012), além de ser empregado amplamente a fins medicinais. Segundo Agra et al (2007) através da decocção de sua casca, um xarope é produzido, sendo utilizado no tratamento de gripes, tosses e bronquites.

O presente trabalho teve por objetivo registrar e analisar os conhecimentos e usos que os funcionários da Escola Agrícola de Jundiáí, que moram nos municípios de Macaíba e entorno (RN), fazem da Imburana-de-cambão.

2 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido nas seguintes etapas: por primeiro efetuou-se um levantamento bibliográfico que favoreceu um melhor entendimento sobre abordagens etnobotânicas. Na etapa seguinte foram realizadas entrevistas com funcionários indagando-os sobre os conhecimentos da Imburana. Após a coleta dos dados se procedeu a seleção das informações, baseadas no objetivo da pesquisa. E o passo seguinte foi o agrupamento e processamento das informações, gerando gráficos e tabelas, nos quais é possível a interpretação dos usos para aquela comunidade.

2.1 Histórico da área

Foi criada pela lei Nº 202 de dezembro de 1949 como "Escola Prática de Agricultura", a atual Escola Agrícola de Jundiáí, com localização na antiga Fazenda Jundiáí, distante 3 Km da sede do município de Macaíba, e a 25 Km de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

Logo após a Escola Prática de Agricultura foi transformada em "Escola Agrotécnica de Jundiáí", pelo convênio firmado entre o estado do Rio Grande do Norte e o Ministério da Agricultura, em 09 de abril de 1954, ficando assim subordinada à Direção de Ensino Agrícola e Veterinário daquele Ministério.

No dia 16 de agosto de 1967, por força do Decreto Nº 61.162 foi incorporada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, passando posteriormente à denominação de Colégio Agrícola de Jundiáí

CAJ.

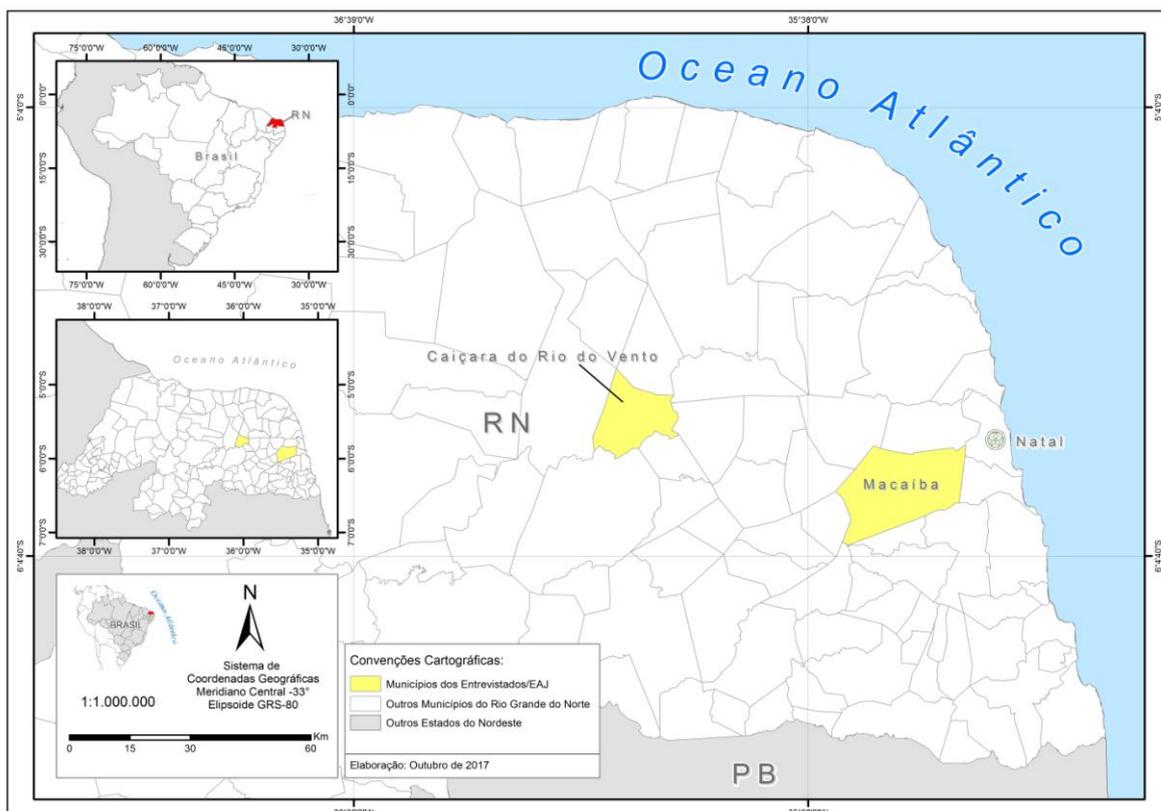
Aprovou-se modificações e alterações no Regimento Geral da UFRN, em 16 de agosto de 2002 com a Resolução Nº 006/2002 – CONSUNI, e assim a Unidade recebeu a atual denominação de Escola Agrícola de Jundiáí.

Através da Resolução Nº 11/2007 – CONSUNI de 19 de dezembro de 2007, a Escola Agrícola de Jundiáí passou da condição de Órgão Suplementar para Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias, integrada à estrutura acadêmica e administrativa da UFRN.

Embasado nisso e como se percebe o corpo dos funcionários é basicamente composto por pessoas que moram nos arredores da escola e em municípios vizinhos, em suma sem muitas condições financeiras e acabam encontrando nos serviços prestados à Escola sua fonte de subsistência e para toda sua família.

2.2 Área de Estudo

Percebeu-se que o corpo de funcionários é composto, basicamente, por indivíduos que moram nos arredores da Escola Agrícola de Jundiáí e em municípios vizinhos, como mostrado no Mapa 1. Sem muitas condições financeiras acabam encontrando nos serviços prestados à Escola fonte de sua subsistência e para toda sua família.



Para a elaboração do mapa de localização dos municípios de residência dos entrevistados, foi utilizado o Software ARCGIS desktop, versão 10.4.1 (ESRI, 2016). Para tal, foi adquirido

arquivos do tipo Shapefile (SHP) obtidos através do Geobank disponibilizado no endereço virtual da Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais (CPRM) georreferenciadas no sistema de coordenadas geográficas WGS 1984. Após localizadas para o ambiente SIG as bases vetoriais foram reprojatadas para o sistema de coordenadas Geográficas SIRGAS 2000 por meio da ferramenta Projections and Transformations e em seguida foi definido as delimitações municipais e estaduais.

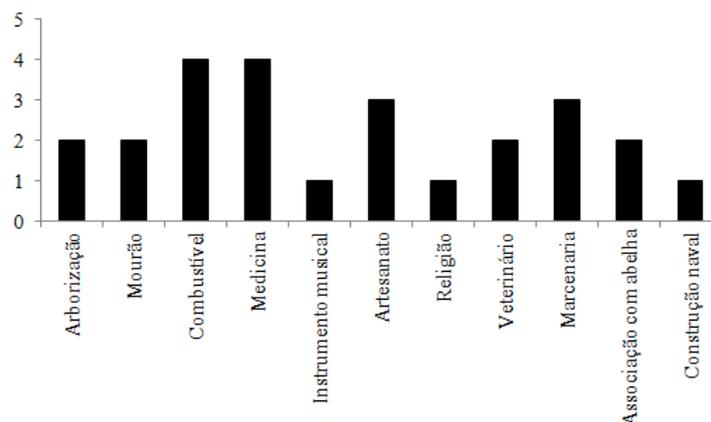
2.3 Coleta e análise de dados

A coleta de dados aconteceu nos dias 27 e 28 de setembro de 2017, nos quais foram abordados 12 funcionários, sendo eles 3 mulheres e 9 homens. Contudo só 6 deles conheciam sobre os usos da espécie pesquisada e com isso utilizando o gravador do celular foi feita basicamente duas perguntas: quais os usos que eles conheciam da Imburana e como ele era aplicado.

Tendo coletado todos esses dados, dividiu-se em 11 classes, com base no artigo: uso e conhecimento da aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) por comunidades tradicionais no semiárido brasileiro, e se fez o cálculo da valoração.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obteu-se nos usos da Imburana uma lista, sendo eles: anti-inflamatório, dor de dente, demarcação de terra, estaca, morada para abelha, infecções, fabricação de santos, diarreia, hérnia, para animais, fabricação de moveis e instrumentos musicais, construção de embarcação. Para melhor análise dos dados separou-se por classes, as quais são demonstradas na gráfico a seguir:



Sendo o cálculo do valor de uso muito utilizado na literatura, elaborou-se também um com os resultados obtidos da nossa pesquisa e gerou-se uma tabela, apresentada a seguir:

Classes de uso	Número de citações	Josué Geronimo Campelo	Josenildo Teixeira Rodrigues	Luiz Carlos	Ivanaldo Olimpio de Oliveira	José de Lima	Francisco Edilson Varela
Arborização	2	1	0	0	0	0	1
Mourão	2	1	0	0	0	0	1
Combustível	4	0	1	1	1	0	1
Medicina	4	1	1	1	0	0	1
Instrumento musical	1	0	1	0	0	0	0
Artesanato	3	0	1	0	0	1	1
Religião	1	0	1	0	0	0	0
Veterinário	2	0	0	0	1	0	1
Marcenaria	3	0	1	0	0	1	1
Associação com abelha	2	0	0	0	0	1	1
Construção naval	1	0	0	0	0	0	1

O valor de uso estimado para cada espécie citada pelos informantes-chave e comunidade em geral foi estimado pela fórmula (Figura 1) adaptada de Phillips & Gentry (1993a), entrevistando uma única vez cada informante:

$$VU_i = \frac{U}{n}$$

VU_i = Valor de uso da imburana; U_s = somatório de usos mencionados por cada informante para a espécie; n = número de informantes entrevistados (n = xxx, para informantes-chave).

Figura 1. Fórmula para obtenção do valor de uso da Imburana-de-cambão.
Fonte: Adaptado de PHILLIPS & GENTRY (1993).

O resultado do cálculo foi 4,16 de valor de uso da Imburana, diante do relato dos funcionários da Escola Agrícola de Jundiá. Comparando-se com os resultados de outras espécies do Nordeste como: a Aroeira que teve um valor de uso de 2,96 e o Pereiro com 3,56 segundo estudo realizado em Cabaceiras, PB; a Baraúna teve um valor de uso de 4,25 de valor de uso e a Caibreira teve 6,44 segundo estudo realizado em Riacho do Navio, PE. Percebe-se assim que são valores próximos e mostrando a enorme relevância de trabalhos científicos nessa área.

Em seguida segue-se as entrevistas com os funcionários da Escola Agrícola de Jundiá: Por primeiro se entrevistou o Josué Jerônimo Campelo, que falou um pouco sobre a Imburana e seus usos, segue abaixo:

“A imburana é a gente usa na comunidade onde moro, comunidade de Tapará, inclusive é uma comunidade indígena, o que a gente usa no dia a dia é pra dor de dente a resina dela, inclusive eu já usei, parentes e pessoas na comunidade quando ta com dor de dente para ter um alívio imediato usa a imburana. Deixa o algodão embebido com seiva e deixa em cima somente do dente que esta com dor né e para, falo isso por que eu já usei, isso pra uso medicinal. Geralmente lá são plantadas em cercas, como é uma zona rural, quando não se usa cerca de arame, de estaca usa a imburana pra fazer a demarcação entre os terrenos e justamente pra ta próximo numa ocasião que precisa pra fazer o uso medicinal no caso pra dor de dente. Que eu conheço e vivenciei são esses da Imburama, a gente tem

outras plantas que usamos, mas esse é especificamente da imburana, mas la usa-se muito a medicina, não sei como é chamado isso, mas esse conhecimento ancestral né. O que a gente usa e pratica la é que vem de gerações pra gerações, no caso tem pra dor de dente e pra uma infinidade de problemas, um usa casca, outro seiva, raízes, folhas e por ai vai.”

O Chinida (Josenildo Teixeira Rodrigues) teve uma resposta interessante, principalmente devido ao uso artístico e religioso citado pelo mesmo:

“(…) é eu inclusive tenho um sitio que nele tinha muita imburana cara e eu sem ter o conhecimento, né, sobre as propriedades dela e eu terminei colocando abaixo e queimando. E depois outras pessoas aqui da escola teve a oportunidade de conversar sobre a imburana, e eu fui vendo os benefícios que ela tinha né, os meus avos ou meu pai já falava que a imburana servia como anti inflamatório cara, pra dor de dente e pra infecção, qualquer outra infecção servia o chá e depois com outros conhecimentos ouvi falar que o leite dela também servia pra isso. E outros conhecimentos também sabia que ela servia pra fazer tambores, a parte de santo, aquela parte que o pessoal faz santos de madeira e como ela é uma madeira maneira, leve né, ela servia exatamente pra isso, o trabalho ficava mais fácil, ela é uma madeira macia, então o pessoal usava muito pra isso.”

Luiz Carlos mencionou o uso medicinal da Imburana. Conforme segue:

“Pra inflamação de dente, diarreia e hernie. Para diarreia e hernie é o chá e a imburana é o leite para o dente, pra colocar no dente e o resto tudo é chá.”

Enquanto Ivaldo Olimpio de Oliveira, foi o primeiro no nosso trabalho, a mencionar o uso zootécnico/veterinário:

“Eu usei a imburana só pra fazer a xaropada para dar a vaca. A vaca deu cria e ficou doente e me ensinaram. Ai fazia como? Usava a casca, fazia a xaropada e dava a garrafada, foi só o que eu usei de imburana, foi só pra isso.”

José de Lima. De caiçara do rio dos ventos, destacou os usos tecnológicos e de construção civil da Imburana.

“Serve pra fazer porteiro pra criar abelha, serve pra fazer mesa, fazer porta. Qual a parte que usa? O pau dela completo quando ela é linheira, ai serra faz tabua, ai faz a porta.”

O mateiro (especialista/parataxonomista) Francisco Edilson Varela foi quem encontrou mais utilidade para a planta. Conforme se segue:

“Nasci aqui em Jundiá, quando eu tava com 4 anos papai se mudou la pra guajiru.. e moramo la nessa propriedade 10 anos. Depois papai saiu fumo morar aqui no vale de baldunco, Nisia Floresta e moremos la 5 anos, depois fumo la em fazenda estrela.. ai nós moremos la até 61 e desde maio de 61 que eu moro nessa casa aqui (ao rededores da escola). O que o senhor conhece sobre os usos da Imburana? Dessa que tem ali o pé, outra la em baixo, tem acolá, la na divisa da terra tem que o finado Zé plantou servindo de estaca.. Que você faz com ela? ela serve assim quando ela é linheira, grossa, ela é maneiro num é pesado, pode cortar um pedaço da imburana e colocar na água e se montar em cima que atravessa o mar de um lado pra outro, ela boia dessa grossura assim ai pronto. Serve pra fazer tamburete, fazer mesa ta entendendo, a tabua da imburana da um material que só se acaba se queimar, ela é forte. Furou assim ai tem o leite, num é leite é o suco né ai bota dentro, tudo dentro ai o dente deixa de doer. Ai o sujeito ta com a barriga desenbalaida, ai

aperriado e remédios e mais remédios ai pega cozinha e é freio na hora, a casca, bebeu é freio na hora a tal da imburana. Outra é se ela for grossa assim e o senhor tiver uma ernie, uma ernie dessa parte do imbigó aqui, ai o senhor chega onde tá ela, leva um tamborete assim, chega onde ta ela ai põe o pé assim nela do lado que o sol nasce ai risca ai com o esculpro, quando acabar tira a casca todinha e não olha pra trás deixa ela e vem simhora, ai ela vai sarrando e a ernie vai se acabando enquanto tá no começo. Só sei disso mesmo pra fazer tabua e essas coisas assim, e se ela for velha pra fazer morada de abelha, as vezes tem la no sertão dela buraquenta que as abelhas faz morada, aonde tiver assim a jandaira faz morada.”

CONCLUSÕES

Tendo em vista o levantamento realizado por meio de entrevista aos funcionários da Escola Agrícola de Jundiá à espécie *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B.Gillett mostrou-se de grande valia para uso doméstico, medicinal, econômico e de grande relevância socio-cultural.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P. Introdução à etnobotânica. **Interciência**, Rio de Janeiro, 2005.
- AGRA, M.F. et al. **Sinopse da flora medicinal do Cariri Paraibano**. **OECOLOGIA BRASILIENSIS**. v. 11, n. 3, p. 323–330, 2007.
- BEGOSI, A. Use of Ecological Methods in Ethnobotany: Diversity Indices. **Economic Botany**. v: 50, n. 3, p. 280-289, 1996.
- BRASIL, **Histórico**. 2011. Disponível em: <http://www.eaj.ufrn.br/site/pagina.php?a=int_historico>. Acesso em: 02 out. 2017
- DEWALT, B. Using Indigenous Knowledge to Improve Agriculture and Natural Resource Management. **Human Organization**. v. 53, n. 2, p. 123-131, 1994.
- FERRAZ, José Serafim Feitosa; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de; MEUNIER, Isabelle Maria Jacqueline. **Valor de uso e estrutura da vegetação lenhosa às margens do riacho do Navio, Floresta, PE, Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v20n1/12.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.
- LIMA, José Ribamar de Farias et al. USO E DISPONIBILIDADE DE ESPÉCIES VEGETAIS NATIVAS NO SEMIÁRIDO DO NORDESTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE DA HIPÓTESE DA APARÊNCIA ECOLÓGICA. **Rede - Revista Eletrônica Prodema**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p.110-131, 02 out. 2017.
- MAIA-SILVA, C. et al. **Guia de plantas: visitadas por abelhas na Caatinga**. 1. ed. Editora Fundação Brasil Cidadão, Fortaleza, 2012.
- MARTIN, G.J. **Ethnobotany - a methods manual**. Ed. Chapman & Hall. London, 1995.



PATZLAFF, R.G. Estudo Etnobotânico de plantas de uso medicinal e místico na comunidade da Capoeira Grande, Pedra de Guaratiba, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2007. 147p. Dissertação - Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2007.